

# Neutralidade e abstinência ontem e hoje\*

*Luciane Falcão\*\**, Porto Alegre

*A autora discute aspectos relacionados às modificações e evoluções dos conceitos de neutralidade e abstinência e suas implicações na evolução da psicanálise. Apresenta uma revisão teórica e uma articulação com questões atuais na psicanálise que exigem a inclusão da mente do analista como parte fundamental do processo. Para a autora, o conceito de neutralidade é válido ainda hoje no que se refere às ações (acting-in e acting-out) dos analistas e implica uma necessária assimetria que evidenciará quem é o paciente e quem é o analista. Articula conceitos como jogo, trabalho de figurabilidade, situação analisante e suas relações com a neutralidade.*

**Descritores:** Neutralidade. Abstinência. Mente do analista. Figurabilidade. Jogo.

---

\* Artigo originalmente apresentado na Mesa Redonda *Neutralidade e abstinência ontem e hoje* no XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise realizado em Porto Alegre, maio de 2007.

\*\* Psicanalista Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Falar sobre qualquer aspecto do processo analítico hoje implica um trabalho reflexivo inesgotável devido à amplitude de conceitos e formas de se pensar a psicanálise atualmente. Com a questão da neutralidade ou da abstinência não seria diferente. Tentarei, pois, dirigir meu pensamento para um eixo do processo analítico, considerando que vários conceitos que fazem parte da história da psicanálise se modificaram graças à evolução da técnica e do conhecimento da mente.

Sabemos através dos mais variados exemplos dos pacientes de Freud (Ruitenbeek, 1973; Flemm, 1985; Roazen, 1999; Eizirik, 1993, 2000) que ele, em sua própria condução do tratamento, estava longe de se manter *neutro*. Vamos lembrar que foi Edmund Bergler (1969) um dos primeiros a empregar, em 1937, durante um simpósio sobre *Teoria dos resultados terapêuticos em psicanálise*, a expressão *neutralidade benevolente*. Essa expressão passará a ser adotada por um grande número de psicanalistas, alguns insistindo sobre a benevolência – algo de que o analista nunca deveria se afastar durante todo o tratamento – e introduzirá mesmo a noção de *bondade* (Mijolla, 2002).

Não encontramos o uso da *neutralidade* escrito pelo punho de Freud que, em compensação, insistiu sobretudo no clima da *abstinência* em que devia se desenrolar o tratamento. Atribui-se a James Strachey a introdução da palavra *neutrality* quando, em 1924, a utilizou para traduzir, em *Observações sobre o amor de transferência* (Freud, 1915 [1914]), a palavra *Indifferenz* (Mijolla, 2002, p. 1262; Eizirik, 1993, p. 20). Em 1967, Laplanche e Pontalis definem assim neutralidade:

Uma das qualidades que define a atitude do analista no tratamento. O analista deve ser *neutro* quanto aos valores religiosos, morais e sociais, ou seja, não dirigir o tratamento em função de um ideal qualquer e abster-se de qualquer conselho; *neutro* em relação às manifestações transferenciais, o que se exprime habitualmente pela fórmula ‘não entrar no jogo do paciente’; *neutro* enfim quanto ao discurso do paciente, isto é, não privilegiar *a priori*, em função de preconceitos teóricos, tal fragmento ou tal tipo de significação. (p. 266, grifos dos autores).

Excessos vão se manifestar no decorrer do tempo. Alguns, acentuando a *neutralidade*, adotarão uma atitude fria e indiferente, excessiva, até amoral, a respeito do que pode ser relatado na sessão, o que levará Otto Kernberg (1976) a propor o termo *neutralidade técnica* para diferenciar a falta de espontaneidade e de calor natural de uma autêntica solicitude para com o paciente que protege

a própria autonomia, independência e capacidade para realizar seu trabalho por conta própria (Mijolla, 2002; Kernberg, 1976).

Vimos então mudanças na conceitualização para abarcar as dificuldades do analista em manter essa posição de *neutro quanto a...* Isto levou a um pensamento errôneo de que esse conceito implicaria uma não interferência das emoções do analista e uma espécie de barreira entre ele e seu paciente. Moore e Fine (1990), atentos a esses excessos, observarão: “O conceito também define a atitude emocional recomendável do analista – empenho profissional ou compreensão benigna com o propósito de ajudar, evitando os extremos de distanciamento ou envolvimento excessivo” (p. 127).

Talvez esses excessos sejam decorrência de más interpretações e/ou de leituras parciais de Freud. Em 1919, tentando delinear os preceitos técnicos da psicanálise, ele afirma: “O tratamento analítico deve ser efetuado, na medida do possível, sob privação – num estado de abstinência”. Mas logo no parágrafo seguinte refere: “Por abstinência, no entanto, não se deve entender que seja agir sem qualquer satisfação – o que seria certamente impraticável...” (Freud, 1919, p. 205).

Gostaria de deixar clara a minha posição – provavelmente a mesma de muitos entre nós – segundo a qual o conceito de neutralidade é válido ainda hoje no que se refere às *ações (acting-in e acting-out)* dos analistas, ou seja, ainda penso que é necessária uma assimetria que evidencie quem é o paciente e quem é o analista. O paciente vem buscar um auxílio, um conhecimento de si, uma nova experiência com objetos diferentes dos seus originários, uma nova vivência psíquica. Vem com sua doença e, pela compulsão à repetição, procurará suas satisfações substitutivas na relação transferencial com o analista, podendo tentar compensar por esse meio todas suas frustrações. Freud, atento às nuances do humano, escreve: “Algumas concessões devem, certamente, ser-lhes feitas, em maior ou menor medida, de acordo com a natureza do caso e com a individualidade do paciente. Contudo, não é bom deixar que se tornem excessivas” (Ibid., p. 206). Isso vai ao encontro da posição de Green, expressa recentemente, revelando a importância da consideração do analista pelo paciente como um ser humano: “O conceito de neutralidade benevolente é um conceito a trabalhar. Por exemplo, o analista que, sob pretexto da neutralidade benevolente, vê o estado de saúde do seu paciente se deteriorar sem lhe dizer: ‘você não pensa que deveria procurar um médico?’ comete um erro analítico” (2006, p. 216), com o que concordo totalmente. Devemos saber quando e como faremos as concessões, respeitando a individualidade e a necessidade de cada paciente.

Dentro deste contexto, tão atual, há outro ponto importante já anunciado por Freud no artigo de 1919:

Recusamo-nos, da maneira mais enfática, a transformar um paciente, que se coloca em nossas mãos em busca de auxílio, em nossa propriedade privada, a decidir por ele o seu destino, a impor-lhe os nossos próprios ideais e, com o orgulho de um Criador, formá-lo à nossa própria imagem e verificar que isso é bom. Ainda endosso essa recusa [...] (p. 207).

Os conceitos referentes à neutralidade na psicanálise são bastante conhecidos e penso que a maioria dos colegas está de acordo. Os *artigos sobre técnica* (1911-1915), entre eles *O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise* (1911), *A dinâmica da transferência* (1912a), *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912b), *Sobre o início do tratamento* (1913) e, obviamente, *Observações sobre o amor transferencial* (1915 [1914]) nos mostram um Freud trilhando um caminho em busca do aprimoramento de sua técnica e nos revelam sua preocupação com esta. No de 1912b, nós o vemos anunciar a importância da relação analítica e do que viria a ser a contratransferência:

[...] o médico deve colocar-se em posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem substituir sua própria censura pela seleção de que o paciente abriu mão. [...] Ele deve voltar *seu próprio inconsciente* como um órgão receptor na direção do inconsciente transmissor do paciente. [...] O inconsciente do médico é capaz, a partir dos derivados do inconsciente que lhe são comunicados, de reconstruir este inconsciente que determinou as associações livres do paciente (p. 129, grifo meu ).

Freud já inclui como parte do processo a mente do analista e vê o inconsciente deste recebendo comunicações do paciente. Não nos seria possível entendermos a proposta de Freud do espelho (Freud, 1912b) como algo que apenas refletiria o inconsciente do analisando ou, dito melhor, que, ao receber o paciente, sua escuta seria isenta de qualquer pré-concepção, portanto, desmentalizada. A evolução da técnica mostrou a necessidade de entendermos que esse conceito não excluiria a necessidade de uma receptividade da mente do analista. Seria um paradoxo para Freud? Talvez. Mas a psicanálise é feita de paradoxos... O inconsciente também...

Eizirik (2000) propõe uma atualização do conceito de neutralidade englobando estas questões, conceito esse que pode nos servir de referencial, que contém várias das noções que nos são fundamentais. A neutralidade, segundo esse autor,

[...] poderia ser caracterizada como a posição, tanto comportamental quanto emocional, a partir da qual o analista, em sua relação com o paciente, observa sem perder a necessária empatia, mantendo uma certa distância possível em relação (1) ao material do paciente e à sua transferência, (2) à contratransferência e à sua própria personalidade, (3), aos seus próprios valores, (4) às expectativas e pressões do mundo externo e à (s) teoria (s) psicanalítica (s). Tal posição não implica ausência de espontaneidade ou naturalidade, mas o reconhecimento de que a manutenção de uma certa distância possível em relação a esses cinco aspectos é o elemento que nos permite um contato e comunicação crescente e mais profunda com o mundo interno do paciente, com o objetivo de atingir os fins terapêuticos a que ambos nos propomos (p. 717).

Esse conceito é compatível com a psicanálise contemporânea, que nos permite uma evolução do pensar psicanalítico que inclui a mente do analista em todo processo analítico. Não consigo conceber uma análise sem pensar, hoje, no modelo de mente que o analista porta e na sua mente em si. Ninguém mais duvida de que o *analista* e a *situação analítica* fazem parte dos processos.

O que se passa durante a sessão na mente do analista? Em que estado mental ele se encontra quando recebe seu paciente? O que ele escolhe para interpretar? O que ele *descobre* no paciente vem de dentro deste ou de si próprio? Como ocorre este processo que implica o inconsciente do analista? O que lhe é objetivo ou subjetivo? André Green (2004), referindo-se ao que se passa na sessão, diz:

Não é dele, não é meu, é nosso, é alguma coisa que tem uma força e uma realidade própria no espaço e no tempo da sessão e que, no momento em que o analisando sai do consultório, torna-se outra coisa. Mas o momento da ligação, o momento quando isto se une, é um momento muito forte. É a visão moderna da transferência (p. 116-117).

A transferência é vista assim também como algo que ocorre a partir da dupla e do *estado de sessão* (Botella, C., 2006, Botella, C.; Botella, S., 2001) implicando a mente do analista. De forma geral, os psicanalistas atribuíram uma importância considerável à contratransferência (graças à contribuição fundamental de Paula Heimann, 1950, na qual esta seria o resultado de um desejo inconsciente do paciente de comunicar ao analista afetos que ele vivencia, mas não pode reconhecer nem verbalizar, induzindo-os no outro). No entanto, como lembra Green (2002), há uma grande variedade na maneira de teorizar esse fenômeno, abrindo-se com

esse conceito um capítulo para se pensar sobre a patologia dos analistas, dos efeitos do que resta inanalísável neles, suscetível de provocar reações no seu trabalho. De qualquer forma, hoje sabemos que uma relação entre dois (no caso, analista e paciente) é algo mais que a soma dos atributos de cada um dos objetos na composição da relação e caracterizará a sessão de análise quando ocorre o processo (Green, 2002).

O momento da *ligação* necessariamente forte é imprescindível para a evolução da relação. Ali, o mundo inconsciente, o mundo dos afetos do analista deverá estar disponível para apreender e vivenciar aquele momento. Há a necessidade de um *jogo dinâmico* entre os dois parceiros. Em minha opinião não há relação que leve a crescimento e a transformações se nela o afeto<sup>1</sup> não se fizer presente. Ao mesmo tempo, insisto, penso que o analista deve perceber como olha para seu paciente. A partir de que posição ele o faz? Estará ele neutro em relação aos conceitos, às concepções de mente? Sua posição favorece o crescimento do paciente, permite a expansão da sua mente?

Jean Luc Donnet, em seu livro *La situation analysante* (2005), utiliza intencionalmente o particípio presente na palavra *analysante* para sublinhar a primazia do ponto de vista dinâmico, servindo-se da referência winnicottiana paradoxal entre a dependência da transferência e a autonomia que sustenta as verdadeiras introjeções pulsionais do eu. Ora, nessa situação, não temos como não levar em consideração que aquilo pelo qual optamos na hora de interpretar é algo amplo e incerto e que a equação pessoal e as teorias do analista estão inseridas no contexto do *setting*. Donnet refere que a profundidade da regressão, a intensidade da dependência fazem com que as interpretações ganhem um peso mais e mais considerável, intensificando a carga da contratransferência. A forma da interpretação torna-se uma questão crucial diante da separação entre a vivência regressiva e o enunciado verbal:

Seremos tentados a dizer que, quanto mais a relação postulada transferencial se aproxima de uma relação primitiva, menos ela se diferencia da relação com o analista em pessoa. [...] Veremos o risco de que o analista seja conduzido a reencarnar o objeto, o outro primordial, de tal forma que, vindo deste lugar, sua palavra se confunde com uma palavra originária, doadora de sentido, tomando força de identificação primária (Donnet, 2005, p. 15-16).

---

<sup>1</sup> Não me refiro aqui a *sentimentalismos* e sim ao afeto como portador de um trabalho psíquico que leva à ligação, à tessitura psíquica. Vamos lembrar que o pulsional obriga a incluir o afeto e que a interpretação do analista deve ter passado pelo psíquico, portanto ligado ao afeto. Para aprofundamento do tema ver: GREEN, A. (1998). Sobre a discriminação e a indiscriminação afeto-representação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 32, n. 3, p. 407-456.

Donnet menciona que a “situação analítica não é neutra no sentido de uma pura superfície projetiva. Ela é duplamente ativa: no negativo, porque recusa, pelas repetições que ela implica, e no positivo, porque contém gratificações e também seduções” (Ibid., p. 15). E continua: “O analista e a situação são partes integrantes na estruturação do processo transferencial: o princípio de uma delimitação permanente do observado e da observação não é sustentável” (Ibid, p.15). Refere que o processo é um encontro “entre duas diferenças: a que porta a transferência e a que distingue a situação analítica de toda outra situação da vida” (Ibid., p. 16).

O que Donnet (2005) denomina de *situação analisante* implica, pois, permanentemente, a idéia de um conjunto para marcar a unidade funcional específica constituída pelo conjunto analisando-analista-situação: unidade de ligação entre os processos intrapsíquicos do paciente e sua exteriorização na cena da transferência, mas também entre os processos psíquicos dos dois protagonistas, a ponto de tornar o jogo da transferência e da contratransferência uma atividade de *co-pensamento* (Widlocher, D., 1996), um *campo* (Baranger, M; Baranger, W., 1966), uma fusão parcial que vem através dos processos identificatórios primitivos; uma *quimera* (M’Uzan, M., 1977); um *ar de jogo compartilhado* (Donnet, 2005).

O encontro analítico é um *acontecimento* e, como tal, implica em algo no qual os elementos da história estão presentes; entrarão em cena elementos constitutivos da memória – do paciente e do analista. Esta memória vai surgir no *setting* de uma forma tal que o que ela registra pode, por vezes, conservar um traço do acontecimento e, ao mesmo tempo, tornar possível uma transferência e uma utilização da memória no presente, um trabalho de categorização que torna a experiência aplicável ao presente. Para utilizar essa experiência passada, a memória deverá ser atualizada, ser interpretada em função do presente. Sendo a memória um sistema aberto, ela necessitará de um trabalho de ajustamento da experiência passada às condições presentes e implicará uma interpretação. A questão é que o que há de emergir na sessão e ser verbalizado pelo analista – interpretado –, mesmo tendo sido o resultado desse trabalho em duplo, deverá ser o mundo inconsciente do analisando e não o do analista. Aqui, ele deverá manter a *neutralidade* no sentido de não expressar o seu mundo infantil, apesar de tê-lo usado para a construção em sessão.

O caráter aproximativo da memória dá liberdade ao psíquico, que leva a vida a promover a criatividade, que leva ao jogo, que confere à memória suas potencialidades simbolizantes (Roussillon, 2003). Se o analista não entra em cena nesse jogo, estaremos diante das patologias do *setting* e, se usarmos o conceito de neutro no sentido de não-envolvimento, de não-jogo, estaremos face a situações

que impedem a tessitura psíquica, a construção (ou a re-construção) de tecidos psíquicos.

Winnicott (1971, 1979) enfatizou o *brincar* nas análises, *brincar* esse que tem um papel fundamental, pois há de ser através dele e nele que ocorrerão as trocas que vão contribuir para as tessituras dos tecidos psíquicos, verdadeiros constituintes do psiquismo. É ali que se dará o movimento da transformação através do prazer, muitas vezes vivido como momentos de sedução que vão colaborar para o entrelaçamento dos tecidos psíquicos. Roussillon (2003) propõe uma reflexão na qual esse jogo serve como modelo do trabalho psíquico e do trabalho psicanalítico, modelo alternativo e dialético ao do sonho. Cabe lembrar a vulnerabilidade e a precariedade psíquica que surgem pelo levante da barreira diferenciadora do dentro e do fora; mesmo que esse levante seja parcial, esses dentro e fora não são afrontáveis, exceto se ocorrem certas condições do ambiente. Não se pode jogar em qualquer lugar ou condição, é preciso uma segurança de base para afrontar o risco que implica o jogar. O momento do jogo é um momento *sagrado* que deve ser respeitado pelo ambiente, respeitado em particular nos paradoxos que supõe e que devem ser tolerados. O jogo pode passar a ter um valor de exploração das situações subjetivas, de valor enigmático, de valor de uma criação ou recriação da subjetividade, de uma descoberta ou de uma invenção de uma nova forma de relação consigo mesmo e com o outro (Winnicott, 1971; Roussillon, 2003).

Essa idéia de *jogo* me agrada bastante. Insisti nela porque penso ser reveladora da necessidade de haver a troca, a ligadura entre os parceiros do jogo. Gostaria de completar essa idéia referente aos ingredientes de que o analista precisa dispor para entrar nesse *jogo* com o pensamento dos (Botella, C.; Botella, S., 2001, Botella, C., 2006), que, partindo das concepções freudianas e bionianas, concebem um ponto de vista metapsicológico para os processos mentais do analista *em sessão*. O *jogo* e o *trabalho de figurabilidade* (Botella, C.; Botella, S., 2001, Botella, C., 2006) são, do meu ponto de vista, formas de pensarmos como a mente do analista entra e age no processo e, aqui, o conceito de neutralidade pode nos ajudar a colocar alguns limites nas atitudes do analista. A sua mente é livre em sessão, mas a sua ação verbal e não-verbal deve respeitar a neutralidade. Esses movimentos farão também com que nos questionemos o que é ser neutro num processo analítico, uma vez que estaremos permanentemente com o nosso sexual infantil em ação, base de nosso mundo psíquico.

O *trabalho da figurabilidade do analista*, produto da regressão formal do seu pensamento na sessão, parece ser um meio de acesso ao além do traço mnésico que é a memória sem lembranças. A regrediência da mente do analista abre a sessão a uma inteligibilidade da relação de dois psiquismos que funcionam



em estado regressivo. É o que eles denominam o *trabalho em duplo* (Botella, C., Botella, S., 2001), cuja realização será o revelador do que, existindo já no paciente em estado não-representável, em negativo do trauma, pode enfim aceder à qualidade de representação. Devido à regressão a que o *setting* analítico induz o analisando (posição deitada, analista investido, porém fora da visão, ausência de toda ação com exceção da palavra, livre associação, etc.) e o analista e devido a outras restrições, produz-se um *estado psíquico exclusivo da sessão analítica*, meio diurno, meio noturno, um estado psíquico de uma natureza singular, única, híbrida, constituído tanto pelo funcionamento diurno como pelo noturno. Sem ser nem um nem outro, beneficia-se das qualidades dos dois e possui capacidades específicas de outro modo inalcançáveis. Esse *estado de sessão* é o palco para o *trabalho de figurabilidade* entrar em ação e acessar o irrepresentável (Botella, C.; Botella, S., 2001, Botella, C., 2006). Diante de situações limites, de uma forma inesperada, totalmente involuntária, na qual o *pensamento do analista* regride além da atenção flutuante e suas representações palavras tendem a ser desinvestidas, pode surgir um *acidente do pensamento*, uma ruptura com o mundo das representações em favor de uma expressão perceptivo-alucinatória derivada. (Botella, C., Botella, S., 2001).

Há uma *fórmula* dos Botella que nos mostra o caminho para refletirmos o quanto da percepção do analista em sessão irá conduzir o trabalho em duplo. Afirmam: “[...] o objeto está ‘somente dentro também fora’” (Ibid., p. 122). O que isto tem a ver com pensar a neutralidade do analista? Do meu ponto de vista, essa fórmula nos ajuda a pensar o quanto os objetos internos do analista vão influenciar a sua forma de perceber os objetos do paciente. Ou seja, se o analista *percebe* algo do paciente (e devemos sempre questionar nossa percepção, uma vez que, se a realizamos com nossos órgãos dos sentidos, estes, por sua vez, estão também submetidos à fórmula *somente dentro também fora*), não poderá esquecer que uma idéia – a sua idéia – contém o real de um lado (a percepção) e a fantasia e o recalçado de outro. E, como sabemos, o que existe e se impõe inicialmente é o fantasmático: no momento em que há a perda do objeto que estava na realização alucinatória, o indivíduo terá que reencontrá-lo na realidade. E que objeto será este que ele deverá reencontrar também fora?

As coisas existem no meu universo interior da forma como eu as fantasio, sonho, construo, fabrico [...] O ‘também fora’ quer dizer que eu busco encontrar o objeto que estava no meu universo interior, na minha realidade psíquica, para saber se eu posso reencontrá-lo no mundo exterior [...] (Green, 2004, p. 82-83).

Entre tantos pontos referentes à neutralidade, há ainda a questão da palavra, da linguagem do analista. Como pensar nas palavras que o analista usará para uma interpretação? Haverá aqui alguma neutralidade? No momento em que o analista usa a palavra para tentar revelar algo do paciente, há já uma *escolha* sua. Não é aleatória, há uma subjetividade nesta escolha. Será através da palavra (e de sua entonação, ritmo, força) que ele revelará algo que é do paciente, mas que também é seu. Não temos dúvida que

Entre a palavra do paciente e a interpretação do analista se intercala um conjunto de traços psíquicos, além e aquém da palavra: representações coisas, afetos, movimentos pulsionais, fantasias inconscientes, etc. Ou seja, entre a palavra (consciente) e a interpretação (que surgiu no inconsciente pela intermediação do pré-consciente), é o psiquismo inconsciente que interveio no jogo. Em suma, a palavra excitou o psiquismo inconsciente que interveio na seqüência do discurso. E mesmo se tudo isto se converteu em palavra, isto revelará outras formas de funcionamento que lhe são estranhas (Ibid., p. 55-56).

De qualquer modo, as palavras podem conhecer todas as combinações possíveis, mas, se não provocarem emoções, não servirão para nada. O debate é antigo e é recente (não seria meu objetivo entrar nessa discussão neste artigo). Mas penso que, para que o uso da palavra tenha efeito, o analista precisa usar sua capacidade comunicativa sabendo que, através dela, abrirá um espaço na mente do paciente e auxiliará na tessitura de novas representações que não de ocupar um espaço até então inabitável. Este espaço criado (ou recriado) é o resultado do trabalho de duas mentes que estão tendo uma vivência originária que permitirá a emissão e a criação de outras cadeias que percorrerão o caminho progrediente até a simbolização.

Há ainda a questão das manifestações do analista – de humor, por exemplo – através da qual ele ressubjetiviza sua função. Vamos pensar na posição de guardião do *setting*, posição que testemunha o vínculo do analista com suas teorias, seu método, durante a sessão, o que implica certo registro superegótico. É fácil constatar que as transgressões do *setting*, apesar do seu valor significativo, induzem freqüentemente em seu guardião uma ressexualização deste vínculo, propício ao agir da contratransferência e prejudicial à reemergência da *terceité* (Donnet, 2005, p. 23).

José Carlos Calich (2007), em um artigo sobre *humor em psicanálise*, entende que, frente aos novos modelos da mente humana com que hoje trabalhamos,

poderia haver atitudes coloquiais que se chamariam de bem-humoradas e que tenderiam à atitude social, denominando-as de *normais*. Estas poderiam veicular gratificações infantis (por exemplo, o prazer do encontro) cuja tendência é nos retirar do *estado de sessão*. Calich (2007) considera o humor como um elemento do processo analítico e acrescenta que, muitas vezes,

[...] um *insight* é acompanhado de uma satisfação que conduz ao riso de ambos na dupla. [...] Se o riso não é evacuativo de sentimentos não elaborados do analista e surge como *gesto espontâneo*, não há como ser evitado e talvez não haja motivos para tal. [...] Talvez seja mesmo natural em um espaço lúdico como o analítico, à medida que um estado ou *posição* bem-humorada seja alcançável, que surjam espontaneamente momentos divertidos ou engraçados tanto no paciente quanto no analista (p. 82, grifos do autor).

Os momentos lúdicos referidos por Calich estão plenamente de acordo com o que expus acima sobre o *jogo*. Mas podemos seguir nos colocando questões abertas para nossas reflexões:

De onde o analista olha para seu paciente? A partir de que posição? Estará ele neutro em relação aos conceitos, às concepções de mente? Será ele capaz de transitar por diferentes teorias e, principalmente, saberá por onde circula? Nossas teorias alteram a questão da neutralidade? A teoria que escolhemos não é neutra, e temos condições de avaliar o que essa não-neutralidade causa no paciente? Sua posição permite um favorecimento do crescimento do paciente, a expansão da sua mente?

Gostaria de finalizar minha reflexão propondo um pensamento reflexivo e uma imagem visual:

1. O pensamento reflexivo é uma proposta de Green (2004) a respeito da palavra, e quero utilizá-lo aqui tendo em vista o quanto o nosso mundo interno se insere na relação com nosso paciente:

Eu falo, eu me dirijo a você e, enquanto eu me dirijo a você, o que sai de mim vai em direção a você. Ao mesmo tempo retorna em direção a mim e ecoa retroativamente, de tal forma que eu me pergunto por que eu disse isso e não outra coisa. Quer dizer que há obrigatoriamente emissão em direção ao objeto e refluxo que interroga o Eu que não vem somente da resposta do objeto, mas da própria questão dirigida ao objeto. É uma espécie de palavra que retorna, que, enquanto vai em direção ao seu objetivo, se reflete ao mesmo tempo sobre ela mesma, rebate na fonte. Trata-se de um movimento

bastante evoluído, eu diria que ele necessita de uma certa saúde psíquica – se eu posso me permitir usar essa expressão – de tal maneira que há uma interrogação sobre a pessoa que pergunta. (p. 97).

2. A imagem visual vem dos quadros de Jackson Pollock, nos quais há uma total omissão de significados, ou, talvez, uma decomposição destes. Estes nos escapam completamente, e os equivalentes metafóricos não nos dizem nada. É um refúgio, uma dificuldade, precisamos reconhecê-lo e, se possível, ir adiante. Penso que há momentos na mente do analista durante a sessão que equivalem a um quadro de Pollock: não temos significado nem do que é nosso, nem do que é do paciente, não temos a capacidade de lhes atribuir nenhum equivalente metafórico e devemos buscar um refúgio em nossas mentes... E, se possível, em algum momento, sair deste refúgio e ir ao encontro do paciente no *seu* refúgio... Para isso há um pulsional presente que obriga à inclusão do afeto.



Figura 1: *Autumn rhythm: number 30* de Jackson Pollock, 1950. © *The Metropolitan Museum of Art*.

Assim como a arte é uma mediação para um fim que revelará uma realidade psíquica (vivida por qualquer espectador de acordo com seu mundo interno), os estados mentais do analista em sessão são também veículos que podem viabilizar a passagem de algo de sua realidade psíquica interna. O paciente talvez nos chegue

como as imagens dos quadros de Pollock e busque encontrar um momento de algum estado até então inacessível que lhe fez *desenhar* sua vida sem traços definidos, sem equivalentes, sem representações. Assim como na arte, o que busca e o que cria são um só, na sessão analítica os momentos fecundos situam-se onde a mente do analista e a do paciente são uma só. São os momentos de ligação, quando a força de Eros se apresenta.

## **Abstract**

### **Neutrality and abstinence yesterday and today**

The author discusses some aspects related to the changes and evolutions of the concepts of *neutrality* and *abstinence* and their impact on the evolution of psychoanalysis. A theoretical review and an articulation with the current issues of psychoanalysis that require the inclusion of the analyst's mind as an essential part of the process are presented. According to the author, the concept of neutrality remains valid today regarding the analyst's acts (*acting-in* and *acting-out*) and it results in a necessary asymmetry that will make evident who is the patient and who is the analyst. The author articulates concepts such as game, the work of figurability, the analyzing situation and their relations with neutrality.

Keywords: Neutrality. Abstinence. Analyst's mind. Figurability. Game.

## **Resumen**

### **Neutralidad y abstinencia hoy y ayer**

La autora discute aspectos relacionados a las modificaciones y evoluciones de los conceptos de *neutralidad* y *abstinencia* y sus implicaciones en la evolución del psicoanálisis. Presenta una revisión teórica y una articulación con cuestiones actuales en el psicoanálisis, que exigen la inclusión de la mente del analista como parte fundamental del proceso. Para la autora, el concepto de neutralidad es válido aún hoy, en lo que se refiere a las acciones (*acting-in* e *acting-out*) de los analistas, e implica una necesaria asimetría que pondrá en evidencia quien es el paciente y quien es el analista. Articula conceptos como juego, trabajo de figurabilidad, situación analizante y sus relaciones con la neutralidad.

Palabras llave: Neutralidad. Abstinencia. Mente del analista. Figurabilidad. Juego.

## Referências

- BARANGER, M., BARANGER, W. (1966). *La cure psychanalytique. Sur le divan*. Paris: Tchou, 1980.
- BERGLER, E. (1969). *Select papers of Edmund Bergler: 1933-1961*. New York: Grune & Stratton.
- BOTELLA, C. (2006). Tras-pais. In: *César Botella na SPPA*. Porto Alegre: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. (2001). *La figurabilité psychique*. Lausanne: Delachaux et Niestlé.
- CALICH, J. (2007). Psicanálise bem temperada: humor, estilo e metáfora no processo psicanalítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 40, n. 4, p. 73-86.
- DONNET, J.-L. (2005). *La situation analysante*. Paris: PUF.
- EIZIRIK, C. (1993). Entre a escuta e a interpretação: um estudo evolutivo da neutralidade psicanalítica. *Revista de Psicanálise da SPPA*. v. 1, n. 1, p. 19-42.
- \_\_\_\_\_. (2000). Entre a objetividade, a subjetividade e a intersubjetividade: ainda há lugar para a neutralidade analítica? *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 34, n. 4, p. 711-721.
- FLEMM, L. (1985). *Freud et ses patients*. Paris: Hachette.
- FREUD, S. (1911). O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 121-127.
- \_\_\_\_\_. (1912a). A dinâmica da transferência. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 133-143.
- \_\_\_\_\_. (1912b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 149-159.
- \_\_\_\_\_. (1913). Sobre o início do tratamento. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 164-187.
- \_\_\_\_\_. (1915[1914]). Observações sobre o amor transferencial. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 208-223.
- \_\_\_\_\_. (1919). Linhas de progresso na terapia psicanalítica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 201-211.
- GREEN, A. (2002). *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (2004). *La lettre et la mort*. Paris: Denoel.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Associations (Presque) libres d'un psychanalyste. Entretiens avec Maurice Corcos*. Paris: Albin Michel.
- HEIMANN, P. (1950). On countertransference. *Int. J. Psycho-anal.* v. 31, n. 1-2, p. 81-84.
- KERNBERG, O. (1976). Technical considerations in the treatment of borderline personality organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*. v. 25, n. 1, p. 81-114.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1967). *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 2002.
- MIJOLLA, A. (2002). *Dicionário internacional de psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.
- MOORE, B.; FINE, B. (1990). *Psychoanalytic terms and concepts*. New Haven: The American Psychoanalytic Association; London: Yale University.
- M'UZAN, M. (1977). *De l'art à la mort*. Paris: Gallimard.
- ROAZEN, P. (1999). *Como Freud trabalhava*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROUSSILLON, R. (2003). *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard.
- RUITENBEEK, H. (1973). *Freud as we knew him*. Detroit: Detroit University.
- WIDLOCHER, D. (1996). *Les nouvelles cartes de la psychanalyse*. Paris: Odile Jacob.
- WINNICOTT, D. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. (1979). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

Recebido em 31/05/2007  
Aceito em 06/06/2007

**Luciane Falcão**

Rua Mostardeiro, 333/813  
90430-001 – Porto Alegre – RS – Brasil  
e-mail: lufalcao@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA